

## O TEXTO COMO UNIDADE DE SENTIDO: BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA INTERATIVA EM SALA DE AULA

Manoel Francisco GUARANHA<sup>99</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de leitura de artigo de opinião, aplicada em uma sala de aula do primeiro semestre de um curso de graduação superior tecnológico, com a finalidade de verificar a competência de leitura desses sujeitos e refletir sobre estratégias de trabalho em classe para melhorar a habilidade de leitura dos alunos. As estratégias têm como base a articulação de texto, gramática e léxico, a dimensão argumentativa e o “objetivo enunciativo” do gênero em questão.

**Palavras-chave:** Leitura. Texto e Ensino; Gênero Argumentativo.

**Abstract:** *This work presents the results of a research on reading of an opinion article conducted within a 1st semester class of a technological graduation course in order to verify students' reading competence and reflect upon didactical strategies that could improve the students' reading abilities. These strategies are based on text, grammatical and lexical articulation, on the argumentative dimension and on the “enunciative objective” of opinion article genre.*

**Keywords:** *Reading. Text and Teaching. Argumentative Genre.*

### Introdução

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa *Gramática, texto e argumentação para a prática de leitura e escrita* do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Linguística, da Universidade Cruzeiro do Sul, cuja área de concentração é “Teorias e práticas discursivas: leitura e escrita”. O projeto tem como meta o desenvolvimento de materiais para a prática de leitura e escrita de textos com alunos de

---

<sup>99</sup> Professor Doutor do Programa de Mestrado em Linguística e do curso de Graduação em Letras da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: [manoel.guaranha@cruzeirosul.edu.br](mailto:manoel.guaranha@cruzeirosul.edu.br). Professor Doutor da disciplina de Comunicação Empresarial da FATEC – Faculdade de Tecnologia de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

graduação, visando à compreensão dos fenômenos linguísticos e textuais, articulando texto, gramática e léxico.

Este artigo tem como objetivo geral refletir sobre a possibilidade de desenvolvimento de estratégias pedagógicas que propiciem aos alunos de graduação o desenvolvimento das competências linguística e, conseqüentemente, comunicativa por meio de um processo de leitura proficiente. Para tanto, foi aplicado um teste de leitura em uma turma de trinta e três alunos ingressantes no primeiro semestre de um curso de graduação tecnológica, elaborado a partir de um texto argumentativo, pertencente ao gênero artigo de opinião, de autoria de Hélio Schwartsman, publicado no Jornal **Folha de São Paulo**, na seção *Opinião*, em 17/08/2012.

O critério de seleção desse texto deveu-se ao fato de ele constituir um exemplo clássico de material linguístico que apresenta, de modo mais evidente, uma clara proposição e a sustentação dela por meio de argumentos, geralmente bem articulados e consistentes, além de constituir material de grande circulação, tratando de um tema ligado ao cotidiano da maioria das pessoas, que é o ato de presentear alguém.

A partir desse material foram elaboradas questões que buscaram aferir o grau de compreensão do sentido do texto pelos alunos por meio de perguntas relacionadas a fatos linguísticos como o reconhecimento de mecanismos de coesão textual, tanto de substituição quanto de progressão, bem como de uma pergunta sobre o objetivo do texto para avaliar a capacidade de compreensão global do material.

Neste artigo, em virtude do espaço e dos objetivos do trabalho, serão analisadas algumas respostas à questão sobre o objetivo do texto que mostram diferentes graus de dificuldades de leitura que alunos apresentaram. Apesar de o trabalho destinar um espaço privilegiado a atividades de leitura, acredita-se que o desenvolvimento desta competência contribui significativamente para subsidiar também o desenvolvimento da capacidade de produção de textos coesos, coerentes e adequados às diferentes situações de comunicação nas quais os futuros profissionais estarão inseridos.

A categorização e a análise das respostas têm como fundamentação teórica o conceito de leitor proficiente, entendido como o sujeito que, entre outras habilidades, teria

...se libertado dos hábitos escolares de uma leitura palavra por palavra (ou sílaba por sílaba) e que utilizaria plenamente a capacidade perceptiva que lhe deve permitir, por fixações sucessivas, apreender

de um só lance os blocos gráficos mais importantes [...] que seria capaz de antecipar morfossintaticamente, lexicalmente, semanticamente e retoricamente o que vai ou pode seguir no fio do texto; que teria portanto um poder de previsão; [...] que disporia de estratégias de leitura permitindo acelerar e melhorar o funcionamento do ato lexical utilizando-se justamente das possibilidades de antecipação e alternando tensões e descontrações autorizando uma melhor compreensão de informação(COSTE, 1988, p. 19).

Para isso, são necessárias habilidades que vão além do conhecimento mecânico da gramática normativa tradicional e que levem em conta o texto como unidade de significação, haja vista que:

Numa gramática de texto, a base do texto (sua representação estrutural profunda) é de natureza lógico-semântica: os constituintes frásticos, sequenciais e textuais figuram sob forma de uma cadeia de representações semânticas ordenadas de tal maneira que sejam manifestadas suas relações conectivas. As regras de coerência agem sobre a constituição desta cadeia, sendo que as restrições que elas estipulam incidem, portanto, sobre traços lógico(semânticos), isto é, afinal de contas linguísticos. Mostrar-se-á, entretanto, que muitas dessas regras (e portanto também certos aspectos das metarregas que são a sua contrapartida geral) exigem que sejam levados em conta parâmetros pragmáticos que remetem aos participantes do ato de comunicação textual.(CHARROLLES, 1988, p. 48)

Com a finalidade de articular texto e discurso, ou seja, escolhas linguísticas a parâmetros pragmáticos recorreu-se ao conceito de gêneros e seus respectivos objetivos enunciativos, conforme construiu Marcuschi (2008), bem como ao estudo da sequência argumentativa feito por Adam (2011). Ambas as propostas serão detalhadas na seção seguinte deste trabalho, quando serão estabelecidos os parâmetros para avaliar as respostas dos alunos.

### **A pesquisa: os sujeitos, o método e os parâmetros para avaliação das respostas**

A pesquisa consistiu em solicitar a trinta e três alunos ingressantes no primeiro ano de um curso superior de tecnologia de uma faculdade do estado de São Paulo que fizessem leitura do texto argumentativo, “Presente Perfeito”, do articulista da **Folha de S. Paulo**, Hélio Schwartsman, publicado na seção *Opinião* do jornal em 04/02/2012 e

formulassem a resposta a uma pergunta: “Qual é o objetivo do texto *Presente Perfeito*”? O texto será transcrito a seguir:

**Presente perfeito**

SÃO PAULO - Aproveito a chegada do 13º salário e a proximidade do Natal para discutir o presente perfeito. Num mundo perfeitamente racional, ninguém nem pestanejaria antes de presentear seus familiares e amigos com dinheiro vivo.

Em princípio, nada pode ser melhor. Elimina-se o risco de errar, pois o presenteado escolhe o que quiser, e no tamanho certo. Melhor, ele pode juntar recursos de diversas origens e comprar um item mais caro, que ninguém sozinho poderia oferecer-lhe.

Só que o mundo não é um lugar racional. Se você regalar sua mulher com um caríssimo jantar na expectativa de uma noite tórrida de amor, estará sendo romântico. Mas, se ousar oferecer-lhe dinheiro para o mesmo fim, torna-se um simples cafajeste.

Analogamente, você ficará bem se levar um bom vinho para o almoço de Dia das Mães na casa da sogra. Experimente, porém, sacar a carteira e estender-lhe R\$ 200 ao fim da refeição e se tornará "persona non grata" para sempre naquele lar.

Essas incongruências chamaram a atenção de economistas comportamentais que desenvolveram modelos para explicá-las. Aparentemente, vivemos em dois mundos distintos, o das relações sociais e o da economia de mercado. Enquanto o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos. Sempre que misturamos os dois registros, surgem mal-entendidos.

O economista Dan Ariely vai mais longe e propõe que, no mundo das relações sociais, o presente serve para aliviar culpas: ofereça ao presenteado algo que ele goste, mas acha bobagem comprar, como um jantar naquele restaurante chique ou um perfume um pouco mais caro. O que você está lhe dando, na verdade, é uma licença para ser extravagante.

Segundo Ariely, é esse mecanismo que explica o sucesso de vale-presentes e congêneres, que nada mais são que dinheiro com prazo de validade e restrições de onde pode ser gasto. (SCHWARTSMAN, 2011).

O tempo para a atividade foi fixado em cinquenta minutos e não foram dadas informações adicionais, pois o objetivo era verificar as habilidades de leitura e produção textual que os alunos trouxeram dos ensinamentos fundamental e médio com a finalidade de desenvolver estratégias para um trabalho mais eficiente e ajustado às necessidades da turma na disciplina de Comunicação Empresarial ao longo do semestre letivo.

O critério para se estabelecer qual seria o objetivo do artigo “Presente Perfeito” levou em consideração o conceito de gênero tal como nos apresenta Marcuschi (2008):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos

definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (p. 155)

O motivo para a escolha deste conceito em detrimento de outros foi a ideia de que diferentes gêneros servem a diferentes “objetivos enunciativos”, fato que justifica a questão proposta aos alunos sobre o objetivo do texto como forma de identificar em que medida os estudantes têm noção dessa especificidade do gênero. Embora o termo “tese” possa ser empregado para designar o elemento central do texto argumentativo, a pergunta formulada evitou utilizá-lo, preferindo o termo “objetivo” tanto para simplificar o enunciado, despindo-o de conotações mais amplas que poderiam ser imputadas ao conceito “tese”, quanto para verificar em que medida os alunos reconheceriam que o objetivo de um artigo de opinião é a defesa de uma ideia por meio de argumentos.

Para delimitar como seriam avaliadas as respostas, levou-se em consideração que o texto escolhido como *corpus* para a pesquisa trata-se de um objeto do discurso pertencente ao gênero artigo de opinião, que circula, sobretudo, na esfera jornalística e em que predomina a argumentatividade. Sendo assim, as características relativas a sequências argumentativas forneceram subsídios para se chegar a uma resposta padrão com a qual se confrontariam os textos dos alunos. Em uma sequência argumentativa há dois movimentos: “**demonstrar-justificar** uma tese e **refutar** uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa”. Nesses movimentos, parte-se de “premissas (dados, fatos) que não poderiam ser admitidas sem se admitir, também, esta ou aquela conclusão-asserção” (ADAM, 2011, p.233, grifos do autor).

Esperava-se com isso avaliar a capacidade dos alunos de reconhecerem o objetivo enunciativo do texto e expressá-lo em expressões como: “argumentar em favor de algo”, “defender a ideia de que algo é de tal modo” ou “apresentar argumentos em favor de algo”. Esperava-se, ainda, que os alunos, pela formação que tiveram nos ensinos fundamental e médio não chegassem a fórmulas como “narrar”, “descrever” ou “contar” para iniciar a redação do objetivo do texto.

Admitiu-se também que “expor”, “mostrar” ou “demonstrar”, este último verbo utilizado por Adam (2011) na definição que transcrevemos anteriormente, seriam fórmulas aceitáveis para iniciar a resposta, pois tratam-se de interpretações que relacionam a defesa de uma tese com o ato de pôr em evidência certa ideia. Embora

normalmente vinculados a objetivos de sequências expositivas e descritivas, esses verbos poderiam apresentar consistência uma vez que, por analogia, a “exposição de uma ideia” e até “mostrar ou demonstrar certa ideia” corresponde a “defender uma ideia”.

Pensou-se, ainda, que a formulação da resposta padrão deveria ser bastante específica para que, comparada às respostas dos alunos, oferecesse a possibilidade de classificá-las segundo a proximidade ou o distanciamento desse padrão. Para isso, recorreu-se novamente a Adam (2011), que postula haver em uma sequência argumentativa certos procedimentos que garantem a passagem entre os movimentos de demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese adversa. Tais procedimentos assumem a forma de “argumentos-provas, correspondendo ora ao suporte de uma lei de passagem, ora a microcadeias de argumentos ou a movimentos argumentativos encaixados” (2011, p. 233).

O tema do texto, entendido como o “ponto de partida do enunciado” (ADAM, 2011, p. 93), pode ser identificado, no caso do artigo em questão, já no título e está ligado a uma situação de enunciação proposta pelo enunciador: “a chegada do 13º salário”, por extensão, “a proximidade do Natal”.

O título tem grande relevância na delimitação do tema, por ser considerado “parte importante e componente da mensagem [e por isso] fator estratégico da articulação do texto [...]” (GUIMARÃES, 2006, p.51), já que os títulos “expressam a macroestrutura” e são “chaves para a descodificação da mensagem [...] Enunciados sucintos de qualquer mensagem, sua interpretação deve ser integrada numa leitura global.” (GUIMARÃES, 2006, p.51).

Sendo assim, esperava-se que os alunos identificassem o “enunciado sucinto” “Presente perfeito” como sendo o tema do artigo. Esse dado é retomado no primeiro período do artigo, ancorado em uma situação de enunciação, a chegada do Natal, e retomado no segundo período por meio do mecanismo de coesão, que no co(n)texto é um sinônimo: “dinheiro vivo”.

A proposição inicial do texto, “Num mundo perfeitamente racional, ninguém nem pestanejaria antes de presentear amigos e familiares com dinheiro vivo”, pode ser dividida em duas partes baseadas em pressuposições que permitem a seguinte leitura: o mundo não é perfeitamente racional [por isso] as pessoas hesitam em dar dinheiro vivo como presente. Nesse caso, podemos entender a irracionalidade do mundo como uma

causa do fato de as pessoas não se presentear com dinheiro vivo, já que este seria o presente perfeito.

O autor apresenta argumentos em defesa das duas proposições. Para defender a ideia de que dinheiro vivo seria o presente perfeito, elenca dois argumentos: a) Elimina-se o risco de errar, pois o presenteado escolhe o que quiser, e no tamanho certo; e b) ele pode juntar recursos de diversas origens e comprar um item mais caro, que ninguém sozinho poderia oferecer-lhe.

Para sustentar o motivo de as pessoas recusarem-se a fazer algo tão obviamente racional, o sujeito elenca exemplos de irracionalidade extraídos do saber partilhado: a) jantar caríssimo para a mulher na expectativa de uma noite tórrida de amor equivale a romantismo, mas oferecer-lhe dinheiro para o mesmo fim, cafajestada; b) levar um bom vinho para a sogra no almoço do dia das mães equivale a ficar bem, mas oferecer-lhe dinheiro equivale a tornar-se *persona non grata*.

Para dar credibilidade à argumentação, o sujeito busca “modelos comportamentais” estabelecidos por especialistas para chegar à conclusão de que as pessoas usam o ato de presentear como um mecanismo para aliviar culpas.

O texto foi esquematizado como apresentado na figura 1 chegando-se a um enunciado-síntese baseado na lógica proposta pelo enunciador:

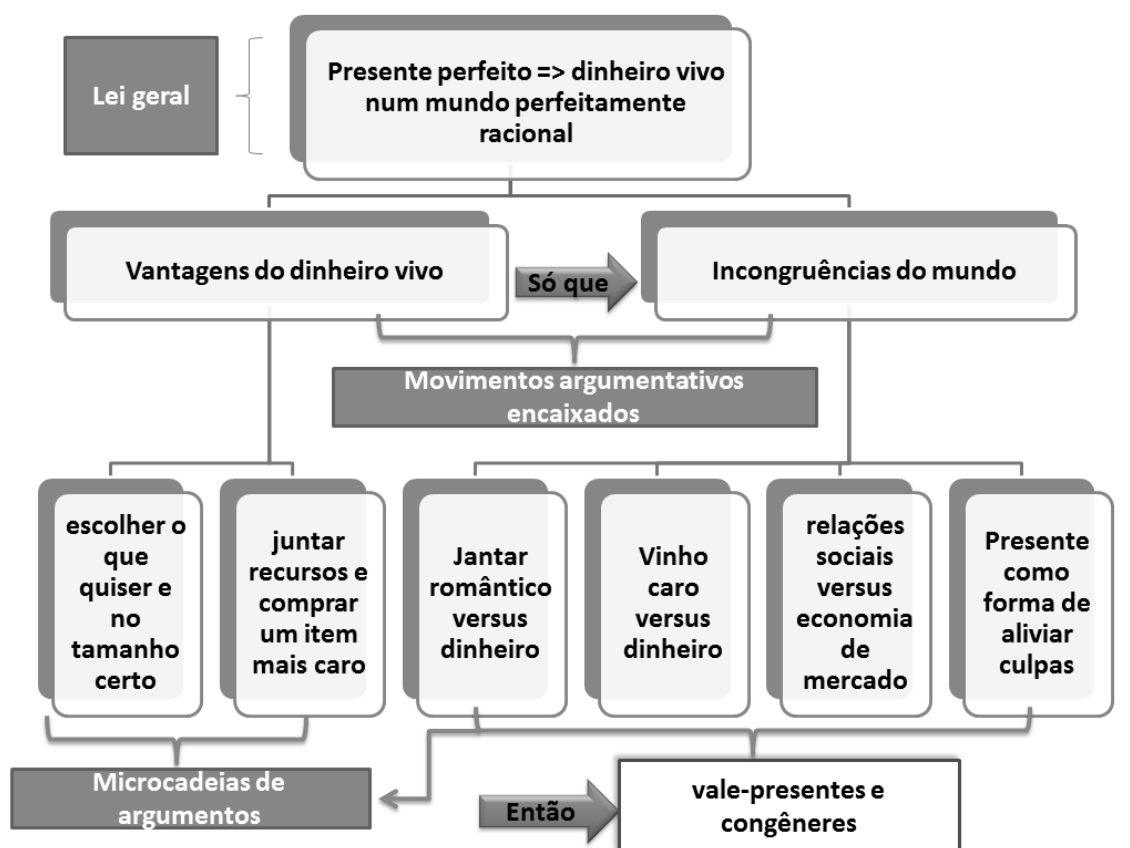


Fig. 1: Esquema do texto *Presente Perfeito*

Recorrendo-se à terminologia proposta por Adam (2011), chegou-se ao esquema apresentado na figura 1, em que há uma lei geral instaurada pelo enunciador: “Em um mundo perfeitamente racional, dinheiro vivo seria o presente perfeito”. Essa lei geral subdivide-se em duas proposições: “o mundo não é perfeitamente racional” e “o presente perfeito é dinheiro vivo”. Para sustentar ambas as proposições, o enunciador cria microcadeias de argumentos encaixadas. Em primeiro lugar, mostra as vantagens do dinheiro vivo como presente elencando dois argumentos; num segundo momento, mostra as incongruências do mundo a partir de experiências pessoais, caso do jantar romântico para a esposa e do vinho caro para a sogra; e também a partir de argumentos de autoridades extraídos de pesquisas feitas por “economistas comportamentais”. A conclusão a que os especialistas chegam sobre os vales-presente e congêneres serve como reforço à argumentação do enunciador.

Após as reflexões precedentes, esperava-se que os alunos identificassem que o objetivo do texto “Presente Perfeito” é defender a ideia de que a melhor forma de presentear as pessoas seria com dinheiro vivo. Seriam aceitas, contudo, variações como: “argumentar em favor da ideia de o dinheiro vivo ser a melhor forma de presentear



as pessoas”; “problematizar a forma de presentear as pessoas propondo o dinheiro vivo como o melhor presente” entre outras. A partir desses parâmetros, foram analisadas as repostas quanto à capacidade de reconhecimento do objetivo enunciativo do texto; quanto à proximidade ou distanciamento que conservaram do tema; quanto à inversão da tese; e quanto ao nível de impressionismo das respostas.

### **Observações quanto ao reconhecimento do objetivo enunciativo do gênero**

Um primeiro resultado da pesquisa revelou que, dos trinta e três alunos, trinta e um deles, 93,93%, têm noção de que a forma adequada para a expressão de um objetivo é um verbo no infinitivo. Um dos alunos deixou a resposta em branco e outro utilizou como resposta um substantivo: “Sugestão sobre a forma de um presente que agrada quem dá mais ainda quem recebe”.

Dos trinta e um alunos que utilizaram verbos no infinitivo como fórmula para iniciar a produção, a maioria, 33,33%, onze deles, utilizaram o verbo “mostrar” nas produções; 9,09%, três deles, utilizaram o verbo explicar; 18,18%, utilizaram os verbos “demonstrar”, “informar” e a expressão “chamar a atenção”, cada um desses verbos e a expressão foram utilizados por dois alunos; e os demais, cada um compondo um percentual de 3,03% do universo pesquisado, utilizaram diferentes verbos: “discutir”, “questionar”, “dar”, “criar”, “direcionar”, “relacionar”, “clarear”, “encontrar”, “estabelecer”, “descrever” e “passar”.

Obeve-se o gráfico a seguir para os verbos:

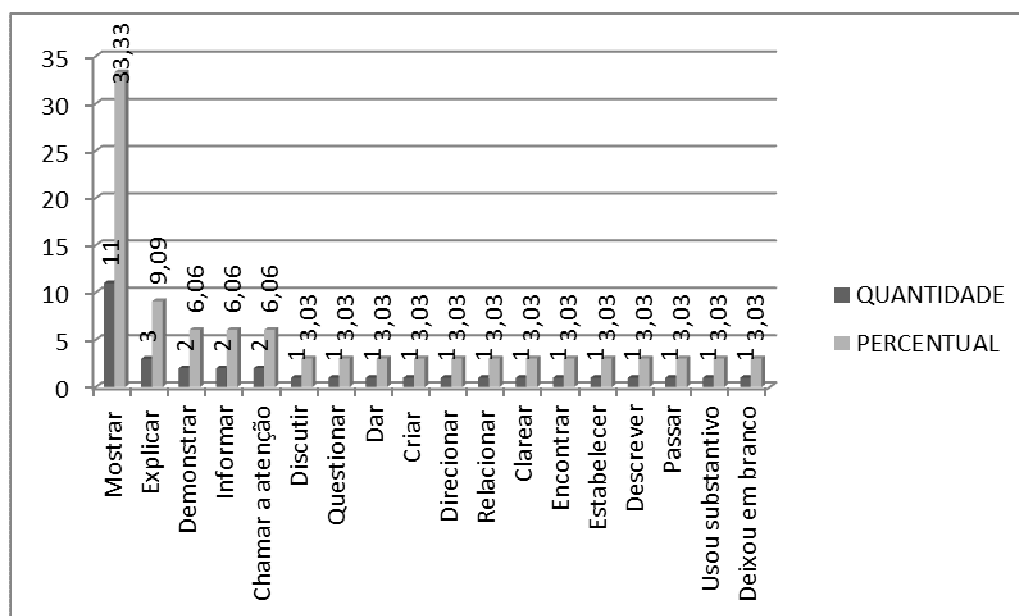


Fig. 2: Gráfico dos objetivos enunciados apontados pelos alunos

A partir desses dados, chegou-se à conclusão de que os alunos compreendem relativamente bem o “objetivo enunciativo” de um artigo de opinião, embora a maioria das respostas não tenha conseguido especificar esse objetivo de modo preciso, como será discutido adiante. Por outro lado, uma parcela significativa das respostas associou o objetivo a elementos de outros gêneros utilizando verbos que sugerem um caráter informativo: “informar”, “passar [para o leitor]”, “clarear”, “explicar”; ou deliberativo: “direcionar”. Esse fenômeno sugere a necessidade de enfatizar aos alunos o reconhecimento de objetivos enunciativos pertinentes aos diversos gêneros utilizados no dia a dia com a finalidade de instrumentalizá-los para que realizem uma leitura mais proficiente.

### **Considerações sobre as respostas que se aproximaram do parâmetro estabelecido**

Das trinta e três produções, apenas três, 9,09% do universo pesquisado, apresentaram respostas consideradas adequadas ao objetivo do texto, de acordo com os critérios estabelecidos. Essas produções iniciam-se com as locuções “[o texto] tenta explicar” e “[o texto procura] Chamar a atenção”:

I - [O texto] Tenta explicar o porquê mesmo [que] o presente ideal seja o dinheiro vivo, nem sempre é possível presentear as pessoas dessa forma.

II – [O texto procura] Chamar a atenção para essa peculiaridade do comportamento humano, que é muitas vezes não aceitar de bom grado o dinheiro que poderia ser muito melhor do que [se] contentar com aquilo que outra pessoa escolhe para dar.

III – [O autor quer]Mostrar ao leitor que presentear alguém com dinheiro vivo é uma boa opção, mas na maioria das vezes a pessoa pode ser mal interpretada, como no exemplo do jantar romântico com a esposa, todo esse comportamento tem explicação segundo os economistas.

Se, por um lado, a produção I revela certa inadequação na identificação do objetivo enunciativo do gênero ao utilizar o verbo “explicar”, por outro, o texto revela certa capacidade de articulação de ideias por parte do aluno por meio da utilização da concessiva “mesmo [que]”, embora ele deixe elíptica a conjunção “que” e inicie a resposta sem recuperar o sujeito que estava no enunciado [o texto]. Desse modo, conclui-se que o aluno captou a ideia principal do artigo de opinião: o presente ideal corresponderia a dinheiro vivo, mas dinheiro vivo é uma forma nem sempre bem vista de presentear. Chama atenção na resposta, ainda, a capacidade que o aluno apresenta de modalizar a informação quando utiliza a expressão “nem sempre”, fenômeno incomum em grande parte das outras respostas.

Já quanto à produção II, há uma adequação maior na identificação do objetivo enunciativo do gênero, pois o aluno usa a expressão “chamar a atenção”. Há também certa capacidade de abstração ao identificar a temática relacionada a uma “peculiaridade do comportamento humano”. Além disso, o aluno utiliza expressão modalizadora “muitas vezes”. Apesar de o sujeito não estar explícito no início da resposta, é possível verificar que o estudante compreendeu, em linhas gerais, o que está em discussão dentro dos aspectos do comportamento humano, bem como soube identificar o recorte do tema: o ato de presentear.

A produção III, por sua vez, fez uma paráfrase relativamente adequada do texto, elencou um dos exemplos utilizados, bem como abordou a explicação dada para o fenômeno, embora não tenha especificado qual seria essa explicação.

Houve duas respostas, equivalentes a 6,06% do universo pesquisado, que se aproximaram do tema, embora com inadequações. São as produções a seguir:

IV - Clarear as ideias e finalidades de presentear, expõe um ponto de vista alternativo propondo e questionando a forma que convencionalmente usamos para agradar/presentear. O texto propõe e discute o assunto explicando questões sociais entre pessoas.

V - Mostrar que ao dar um presente a uma pessoa é um sinal de amor, carinho, amizade, etc, e que se você quiser, ao invés disso, dar à pessoa um valor em dinheiro a pessoa se sentirá ofendida.

A produção IV identificou o objetivo central do artigo, ainda que de forma vaga, ao afirmar que o texto questiona o modo que convencionalmente usamos para “agradar/presentear”. Faltou, contudo, especificar a proposição de que dinheiro vivo seria o presente perfeito. O caráter vago da resposta materializa-se pela falta de progressão em expressões como: “ideias e finalidades”, “propondo e questionando”, “agradar/presentear”, “o texto propõe e discute” e, principalmente, no final: “O texto propõe e discute o assunto explicando questões sociais entre pessoas”.

A produção V também tangenciou o tema ao identificar a ideia de que quando se resolve dar à pessoa um valor em dinheiro, ela se sentirá ofendida. Contudo, a resposta apresenta informações não encontradas no texto, mas decorrentes das impressões do aluno em relação ao ato de presentear: “Mostrar que ao dar um presente a uma pessoa é um sinal de amor, carinho, amizade, etc.”

### **Considerações sobre respostas que se distanciaram do parâmetro: casos de inversão de tese**

Entre as respostas que utilizaram verbos no infinitivo para exprimir o objetivo, a menos adequada foi:

VI- Dar um presente a alguém ou um familiar, mas não um qualquer e muito menos dinheiro vivo, que pode se tornar algo ruim. Dar um presente do qual o presenteado gosta muito, ou seja, o presente perfeito.

Neste caso, observou-se que o aluno apresentou dificuldades de duas ordens: em primeiro lugar, confundiu o objetivo do texto com o do sujeito que o produziu, haja vista que quem poderia dar o presente seria o enunciador, não o enunciado; em segundo lugar, chegou à tese contrária àquela defendida pelo enunciador, haja vista que o aluno

afirmou ter entendido que o texto veicula a ideia de que é ruim presentear alguém com dinheiro vivo.

As produções seguintes, apesar de terem apresentado o objetivo do artigo por meio de um verbo mais adequado que a anterior, têm um denominador comum com a resposta VI pela inversão que fizeram do objetivo do texto, ou seja, a ideia de que o presente não deve ser em forma de dinheiro:

VII - Questionar um comportamento que a sociedade tem em relação a presentear alguém e que este presente não deve estar na forma de dinheiro, pois trará estranhamento.

VIII - Mostrar que dinheiro não é presente perfeito, e sim a intenção que está sendo dada com o presente.

IX - Passar para o leitor a importância de que nem sempre dinheiro significa poder, mostrar que devemos ser flexíveis e adaptáveis às situações correntes.

X - Mostrar ao leitor que o dinheiro nem sempre é a melhor forma de presentear alguém e demonstra que a emoção ainda prevalece.

XI - Demonstrar ao leitor a diferença entre as relações sociais e a economia de mercado, isso significa que existem algumas coisas como por exemplo o sentimento das pessoas, que não se pode comprar com dinheiro.

Nestes casos faltou a esses leitores a competência para identificar a proposição inicial do enunciador que serve para construir o mundo em que ele irá ancorar sua tese: “Num mundo perfeitamente racional, ninguém nem pestanejaria antes de presentear seus familiares e amigos com dinheiro vivo”. Na introdução, o verbo no futuro do pretérito, que se refere a uma ação posterior ao tempo em que se fala, adquire um valor condicional, apoiado no pressuposto de que este mundo de que se fala não é perfeitamente racional, fato que leva as pessoas a hesitarem em presentear familiares e amigos com dinheiro vivo. Acredita-se que se esses alunos tivessem reformulado a asserção do enunciador explicitando a conjunção condicional, “Se este mundo fosse perfeitamente racional, ninguém hesitaria em presentear familiares e amigos com dinheiro vivo”, eles teriam mais chance de formular a tese de modo adequado.

Esses estudantes também tiveram dificuldade para reconhecer o uso do pronome indefinido “ninguém” associado ao advérbio de negação “nem”, cujo sentido é “nenhuma pessoa”, expressão que apresenta uma dupla negação: “ninguém nem”.

Além disso, os estudantes apresentaram problema de repertório lexical deficiente, pois não entenderam o verbo “pestanejar” usado no sentido figurado de “hesitar”, “titubear”, ou “vacilar”, termo este mais usado na contemporaneidade para indicar a ideia de “estar incerto quanto a alguma coisa”. É possível que o uso do verbo “vacilar” facilitasse a compreensão do texto, haja vista que uma busca no site de pesquisas *Google*, feita em 06/07/2012, apresentou 107.000 ocorrências para o verbo “pestanejar”; 173.000 para “hesitar”; 711.000 ocorrências para “titubear” contra 2.409.000 ocorrências para o verbo “vacilar”.

Em três das produções (VIII, X e XI) identificou-se a prevalência das crenças do leitor, ou seja, a expressão daquilo que ele acha politicamente correto dizer acerca do tema de que o texto trata. Essas respostas têm como denominador comum a oposição entre os valores material e afetivo do presente. Em VIII, o aluno refere-se à dicotomia entre valor material versus intenção do ato de presentear; em X, o aluno contrapõe o dinheiro à prevalência da emoção; e em XI, identifica a oposição entre dinheiro e sentimento(s) das pessoas. Esse problema de projeção das expectativas pessoais no texto a ponto de prejudicar a leitura objetiva do tema será tratado mais adiante, pois reaparece em outras produções.

### **Considerações quanto aos casos de dificuldade de compreensão do tema e respostas impressionistas**

Nesta seção foram agrupadas as produções dos alunos que não conseguiram identificar claramente o tema ou que se desviaram dele. Pelo critério estabelecido na seção 1 deste trabalho, foi considerada inadequada a produção a seguir:

XII- Discutir a chegada do 13º salário.

Neste caso, o aluno confundiu o objetivo do texto com a informação contextual que o enunciador apresenta para justificar a pertinência do objeto do discurso: “Aproveito a chegada do 13º salário e a proximidade do Natal para discutir o presente perfeito”. Aqui, embora o aluno tenha procurado o objetivo no primeiro parágrafo, não apresentou competência de leitura para reconhecer o valor do título como “enunciado sucinto” que deve ser integrado à leitura global.

Além disso, não conseguiu formular sua resposta baseada no valor do conector argumentativo da sequência. Para tanto, ele deveria ter consciência de que “Os conectores argumentativos associam as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa dos enunciados” (ADAM, 2011, p.189). Sendo assim, chegaria à identificação da conjunção final “para” como um conector argumentativo cuja função é explicativa ou justificativa e teria ideia de que o dado apresentado à esquerda da conjunção, “a chegada do 13º salário”, serve como justificativa para o que está apresentado à direita, “discutir o presente perfeito”.

A produção XII evidencia dificuldades de leitura de duas ordens: tanto no nível da reconstrução macrotextual, no que se refere à relação título e texto, quanto à microtextual, no que se refere à identificação dos conectores argumentativos e seus valores.

Nesse grupo de produções que não identificaram o tema ou identificaram-no de modo tangencial encontramos os seguintes textos:

XIII- Mostrar como as pessoas são julgadas pela sua atitude, o que mostra até uma certa ignorância, pois alguns atos podem significar uma coisa e serem julgados como outra.

XIV- O texto tenta criar uma relação entre a emoção e o sentimento das pessoas ao serem lembradas por um gesto de receber um presente, mas relacionando com o capitalismo, ou seja, valor. O texto tenta mostrar a hipocrisia das pessoas ao tentarem mostrar que o valor do presente não importa, sendo que importa sim, pois literalmente em um país capitalista, cada um vale o que tem no bolso.

XV- Demonstrar ao leitor a diferença entre as relações sociais e a economia de mercado, isso significa que existem algumas coisas como por exemplo o sentimento das pessoas, que não se pode comprar com dinheiro.

XVI- Informar aos leitores que o presente perfeito possui duas formas apelativas, a de relações sociais e a econômica, que o presenteado às vezes não precisa, acha extravagante. Mostrar que o presente serve para aliviar culpas, oferecer algo que ele goste, mas não tem coragem de comprar.

XVII- Direcionar o leitor a dois pontos que se relacionam, mudando apenas o sentimento ex: vinho caro para o jantar romântico e pagar R\$ 200 pelo mesmo.

XVIII- Demonstrar como funciona o mecanismo do dinheiro.

XIX- Informar as pessoas de que agradar alguém irá ter um retorno de outra forma.

Em XIII, XV e XVII, os objetivos identificados pelos alunos centraram-se mais nos argumentos do que no tema, pois resgatam a ideia da “confusão de registros” que as pessoas fazem entre os valores abstratos do mundo das relações sociais e os valores concretos do contexto da economia de mercado. Isso explica expressões como em XIII: “alguns atos podem significar uma coisa e serem julgados como outra”; em XV: “existem coisas como por exemplo o sentimento das pessoas, que não pode ser comprado com dinheiro”; e em XVII: “dois pontos que se relacionam, mudando apenas o sentimento”, em que o aluno se refere ao vinho caro, ao jantar e ao valor do vinho. Esta última produção é bastante lacunar e revela dificuldade mais acentuada do sujeito para construir um discurso articulado e, por isso, aproxima-se da produção XVIII, porque identifica como tema aquilo que é parte do argumento, “como funciona o mecanismo do dinheiro”; e da produção XIX pelo caráter impreciso, inespecífico que apresenta e conseqüentemente pela falta de progressão.

Apesar de a dicotomia aparência/essência do ato de presentear ser um dado ligado ao enunciado, esse problema está mais no plano dos argumentos do que no plano da tese. Quando o enunciador afirma que dinheiro vivo seria o presente perfeito, justifica sua ideia apelando para racionalidade como fundamento legítimo que deve reger as relações sociais, contrapondo-a ao sentimentalismo que, na opinião dele, domina essas relações.

Em nome da defesa do racionalismo, o enunciador apresenta argumentos que propõem o desnudamento das intenções daquele que presenteia: o caso de oferecer um jantar à esposa “na expectativa de uma noite tórrida de amor” e o caso de levar um vinho à casa da sogra no dia das Mães. No primeiro exemplo, oferecer dinheiro à mulher seria lido por ela como um ato de rebaixá-la à categoria de prostituta em lugar de esposa; no segundo, oferecer dinheiro à sogra seria lido por ela como o ato de conferir-lhe categoria de cozinheira em lugar de mãe.

Para detectar o tom irônico desses argumentos é necessário certo conhecimento do mundo sobre contextos que colocam pessoas em situação delicada. O adjetivo “tórrida”, que qualifica a noite de amor desejada pelo marido, associado à ideia de relacionamento conjugal resgata uma série de questões sobre as relações amorosas estáveis e duradouras e a rotina que costuma acometê-las, bem como a diferença



comportamental entre homens e mulheres, aqueles mais objetivos de acordo com o senso comum, estas mais ligadas ao sentimento. O almoço do dia das mães na casa da sogra faz com que pensemos no desconforto do genro em território estranho, haja vista certa animosidade que costuma haver entre as pessoas que desempenham esses papéis sociais.

Em ambos os argumentos, o dom materializado por meio de objetos sofisticados, jantar caríssimo e bom vinho, que enobrecem o ato de presentear porque elidem o valor meramente utilitário desta ação, tornando-a não mera retribuição a um favor prestado, mas carregando-a de valores afetivos, são apresentados pelo enunciador como meios de obter vantagens, quer seja a noite tórrida de amor da esposa, quer seja a aceitação por parte da sogra.

O efeito de sentido que dá força a esses argumentos é o fato de o sujeito dirigir-se ao leitor utilizando a forma de tratamento que funciona como segunda pessoa, “você”, instituindo-o como parceiro da enunciação, incluindo-o de forma mais incisiva no texto: “se você regalar sua mulher”, “você ficará bem”. Trata-se de um procedimento retórico que visa a despertar o *pathós* ou as paixões do leitor. Esse tipo de argumento tende a se fixar mais na mente dos leitores apressados ou daqueles que não consideram o tema do objeto do discurso como passível de leitura crítica e aderem a clichês como “homens só pensam em sexo” e “sogras são sempre hostis em relação aos genros”. Isso pode explicar a falta de coerência da produção XIV, que mescla às informações extraídas do texto reflexões pessoais pouco informativas ou sem conexão lógica:

XIV - O texto tenta criar uma relação entre a emoção e o sentimento das pessoas ao serem lembradas por um gesto de receber um presente, mas relacionando com o capitalismo, ou seja, valor. O texto tenta mostrar a hipocrisia das pessoas ao tentarem mostrar que o valor do presente não importa, sendo que importa sim, pois literalmente em um país capitalista, cada um vale o que tem no bolso.

Quando se refere à parelha emoção e sentimento, o aluno parece querer apresentar como elementos antagônicos dois conceitos que são sinônimos. Quando usa a adversativa “mas”, não a articula a uma ideia contrária à anterior, mas complementar.

Além disso, quando usa a expressão retificadora “ou seja” para ampliar o sentido do que considera capitalismo, usa uma metonímia do fenômeno, “valor”, mas sem especificar como “valor material”, o que torna a produção ambígua uma vez que o artigo

fala também de valores como amor e lealdade. Esse fato se repete quando usa a expressão “valor do presente” em lugar de “valor material do presente”.

Essa resposta revela a pouca reflexão com que o aluno constrói o texto. Ao introduzir sua posição, justifica-a utilizando o advérbio “literalmente” no sentido de “absolutamente” e articula sua ideia a uma expressão axiomática recolhida do senso comum conferindo a essa máxima valor de verdade inquestionável: “cada um vale o que tem no bolso”.

Essa resposta baseia-se muito mais em convicções pessoais do leitor formuladas de modo irrefletido a partir de clichês extraídos do contexto em que vive do que na reflexão sobre o que é expresso no texto, uma vez que o artigo de opinião não critica o diretamente o capitalismo nesse aspecto, mas pela incapacidade que as pessoas têm para conviver naturalmente com valores sentimentais e monetários, tentando de algum modo sublimar estes para que não contaminem aqueles.

Respostas de questões objetivas em que os alunos abandonam o texto e constroem um discurso impressionista são muito comuns. Esse fenômeno revela problemas de leitura e pode estar ligado à dificuldade de entender a questão proposta, à dificuldade de entender o texto ou, ainda, às estratégias de construção do sujeito no texto que levam o leitor a sentir-se convidado a expressar suas opiniões ao invés de distanciar-se do enunciado para, objetivamente, parafraseá-lo ou parafrasear alguma parte dele. Isso porque, embora seja louvável a tentativa de se chegar a conclusões pessoais a partir do que se lê, é fato que essas conclusões serão mais consistentes se não forem extraídas de uma leitura apressada.

### **Considerações finais**

A análise das respostas possibilita o desenvolvimento de estratégias de trabalho em classe que podem ampliar a competência leitora dos alunos ingressantes nos cursos de graduação. Embora não sejam receitas, certas práticas desenvolvidas a partir da análise das dificuldades mais comuns propiciam um trabalho produtivo que pode aperfeiçoar a leitura daqueles que se aproximaram das respostas esperadas e suprir as carências dos que apresentam dificuldades mais acentuadas de compreensão dos textos. A seguir serão elencadas algumas das reflexões que podem alicerçar a construção de práticas em sala de aula.

Em primeiro lugar, a escolha do gênero a ser trabalhado é um fator fundamental. Como se tratam de alunos que têm certa maturidade, um gênero complexo como o artigo de opinião atende à necessidade de estimular o desenvolvimento de habilidades comunicativas que esses futuros profissionais deverão desenvolver para terem sucesso no mercado de trabalho, entre elas a necessidade de defender ideias por meio de argumentos consistentes e de desenvolver o espírito crítico para avaliar opiniões de modo objetivo identificando estratégias argumentativas que se constroem por meio de modos de apropriação da língua pelo sujeito. Sendo assim, de cada grupo de respostas, buscou-se extrair subsídios para o desenvolvimento de atividades em sala de aula.

Nos casos em que os alunos se aproximaram da resposta esperada, é possível pensar em exercícios que os sensibilizem para a organização mais precisa das ideias por meio da seleção de termos mais adequados para exprimir o propósito enunciativo do texto. Esses exercícios podem se apoiar nos conceitos de coesão e coerência textuais, sobretudo nestes casos no conceito de progressão e informatividade.

Nos casos de inversão da tese foi possível concluir que seriam necessárias algumas estratégias para desenvolver a competência comunicativa dos alunos, entre elas a proposta de construção de paráfrases de textos complexos que apresentassem duplas negações. Para se desenvolver essa habilidade de leitura, também neste estágio são importantes os estudos dos mecanismos de coesão textual, principalmente aqueles que são sinônimos, hiperônimos ou hipônimos, pois estes elementos criam no aluno a consciência de que é possível compreender o sentido global de um texto sem compreender o sentido exato de todas as palavras ou que o significado de termos desconhecidos encontram-se no próprio texto, bastando para isso compreender que esse objeto do discurso possui unidade de sentido.

Já nos casos em que houve uma leitura impressionista, o professor deve intervir fazendo uma análise do texto que coloque em relevo as estratégias enunciativas que o sujeito construiu e os efeitos de sentido que elas apresentam, entre essas estratégias está a de tornar impessoais falas que emanam da subjetividade do produtor e de incluir o leitor no texto, tornando-o cúmplice da enunciação. Exemplo disso, no artigo “Presente perfeito”, é o fato de o texto iniciar-se em primeira pessoa: “[Eu] aproveito”; depois generalizar por meio do pronome indefinido “ninguém”; depois indeterminar o sujeito no segundo parágrafo “elimina-se”; depois incluir, por meio do uso da segunda pessoa, o leitor na situação de comunicação: “se você regalar”, “você ficará bem”; para,

finalmente, apresentar a voz da autoridade teoricamente neutra em terceira pessoa, “o economista Dan Ariely”. Percebemos um processo que vai da subjetividade da primeira pessoa à neutralidade da terceira passando pela inclusão do leitor no discurso quando utiliza a segunda pessoa. Analisar criticamente essa categoria da enunciação significa que o leitor irá aderir ao discurso do enunciador apenas se lhe for conveniente, uma vez que é capaz de perceber esse jogo argumentativo e não ser enredado por ele de modo inconsciente.

Esse conjunto de estratégias, a que podem ser acrescentadas outras, tem em vista o desenvolvimento da leitura interativa ao mesmo tempo que parte do pressuposto de que a internalização delas pode melhorar significativamente as produções orais e escritas dos alunos.

### Referências

- ADAM, Jean-Michel. **A Linguística textual**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CHARROLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). In: GALVES, C., ORLANDI, E.P.; OTONI, P. **O texto: leitura e escrita**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- COSTE, Daniel. Leitura e competência comunicativa. In: GALVES, C., ORLANDI, E.P.; OTONI, P. **O texto: leitura e escrita**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SCHWARTSMAN, Hélio. Presente Perfeito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/12809-presente-perfeito.shtml>>. Acesso em 25/08/2012.